



# UNISO CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 36 • 16/08/2026

## DE FONTE DE VIDA A CAUSADOR DE PROBLEMA: O RIO SOROCABA NARRADO PELA IMPRENSA



• PÁG 04 •

**SALAS DE RECURSOS:**  
**REALIDADE OU UTOPIA NO ATENDIMENTO AO ALUNO**  
**COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?**

• PÁG 02 •

## EDITORIAL

Esta edição do jornal Uniso Ciência, publicada no mês em que Sorocaba completa 372 anos de sua fundação, traz uma reportagem sobre um dos maiores símbolos da cidade, o rio Sorocaba.

Essa reportagem detalha uma pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, que mostra quais significados são produzidos sobre o rio, com base em publicações da imprensa. A partir da análise de centenas de textos, identificou-se um padrão de abordagem que trata o rio como causador de transtornos para a cidade, perspectiva que, certamente, influencia a forma como os sorocabanos o enxergam.

Já a outra reportagem apresentada nesta edição aborda uma pesquisa que investiga experiências com o uso das salas de recursos multifuncionais para atender alunos com deficiência intelectual, em escolas da rede estadual. Sem dúvida, um tema da maior importância para educação inclusiva.

### Boa leitura!

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior  
**Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa**

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol  
**Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão**

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta  
**Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de Internacionalização**

## EXPEDIENTE

**Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.**

**Reitoria:** Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão) e Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de Internacionalização).  
**Coordenação:** Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

**Equipe:** Profa. Dra. Georgia de Mattos Maia, Prof. Dr. Guilherme Profeta e Profa. Dra. Mara Rovida (Reportagens), Ricardo Kazuo Fujimoto (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

**Conselho Editorial:** Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Prof. Dr. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

**Informações:** ciencia@uniso.br  
**(15) 2101.7006/7081 | uniso.br**

# SALAS DE RECURSOS: REALIDADE OU UTOPIA NO ATENDIMENTO AO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

REPORTAGEM: Édison Trombetta (arquivo)  
Foto: Fernando Rezende

A escola, hoje em dia, atende a todos os estudantes sem distinção. O que pode haver, a depender das particularidades de cada aluno, é um trabalho suplementar no contraturno ao qual está matriculado. Este atendimento pode ser feito para alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação — o chamado público-alvo da Educação Especial. Este trabalho, geralmente, ocorre nas Salas de Recursos — ou Salas de recursos multifuncionais — e na modalidade Itinerante, onde não há espaço físico.

Partindo da existência desses espaços nas escolas — o que segue a legislação nacional sobre o assunto — Lucy Mary Padilha Domingos defendeu sua dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso) considerando exatamente o questionamento existente no título desta matéria: será que a utilização dessas salas para atender aos alunos com **DEFICIÊNCIA INTELECTUAL** é uma realidade ou uma utopia?

Estes espaços não se limitam ao atendimento de uma única deficiência, podendo ser ambiente de atendimento para deficiência visual, auditiva, física, transtorno do espectro autista, altas habilidades ou superdotação. As salas tornam-se um proporcionador de procedimentos e mecanismos de apoio ao processo de ensino para o desenvolvimento da criança que delas necessite. “Como professora da Educação Especial durante anos, posso apresentar que o melhor meio para colaborar com o processo da criança é proporcionando a ela diferentes formas de aprender, alternando caminhos e criando estratégias que colaborem com seu aprendizado. Vale ressaltar que há crianças que aprendem melhor com imagens, outras precisam do apoio do concreto

(barrinhas, brinquedos, objetos variados, material dourado, tampinhas etc.). O mais importante é variar nas propostas, pois as tentativas não podem se findar antes da aprendizagem acontecer — e, para isso, é preciso muita criatividade”, afirma Domingos.

Atualmente, há recursos midiáticos que podem colaborar com essa diversidade de propostas, mas é necessário ir além deste trabalho com a tecnologia. Isso porque a criança ainda precisa manipular e confrontar seus conhecimentos de maneiras práticas e inovadoras. “Tudo acontece dentro de um tempo que é determinado pelo aprendiz, e não pelo educador. A mediação é nosso maior recurso dentro do processo, como aponta Vygotsky, e ainda o olhar para as diferentes inteligências, apresentadas por Gardner, pode ser um grande diferencial para as proposituras neste processo”, destaca a mestra.

A pesquisa teve como base metodológica inquietações advindas de encontros de professores de Educação Especial que atuam nas Salas de Recursos em escolas da rede estadual. Foi aplicado um questionário para os responsáveis pela aprendizagem dessas crianças mencionarem dificuldades, bem como as ações significativas que contribuam com atendimentos mais eficazes.

## PARA SABER MAIS: DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS

A deficiência intelectual pode ser considerada a condição na qual há questões relativas a limitações nas habilidades mentais gerais de um sujeito, e pode estar ligada à inteligência, raciocínio, resolução de problemas etc., manifestando-se em dificuldades de aprendizagem e autogestão de situações cotidianas, comunicação, linguagem e habilidades sociais.



Foto/Photo: Alina (Adobe Stock)

A partir dos resultados obtidos pela pesquisa, o que mais chama a atenção é a grande carência apontada pelos professores em relação à ausência de comunicação entre as equipes que desenvolvem um trabalho com o estudante. Estas equipes são formadas por professores das salas de recursos ou modalidade itinerância, professores do ensino regular, professores auxiliares que, atualmente, atuam com estas crianças de acordo com as parcerias e os especialistas da saúde, quando há a presença destes profissionais. Domingos aponta que “esta realidade afeta diretamente o desenvolvimento do processo de aprendizagem, pois é apenas a partir do conhecimento sobre a individualidade do estudante e dos caminhos que obtiveram êxito é que será possível proporcionar a continuidade da construção do conhecimento ou realizar as mudanças necessárias para este resultado”.

Ficou demonstrado, no decorrer do trabalho, que o atendimento nestas salas depende de uma forte parceria entre todos os envolvidos no processo educativo, uma vez que é fundamental conhecer a história de vida dessas crianças. Apenas a partir dessa ciência das particularidades de cada uma é que será possível superar suas fragilidades e valorizar suas potencialidades.

Assim, essas salas e seus profissionais colocam um documento de abrangência nacional, publicado em prática o atendimento educacional especializado, a fim de cuidar da aprendizagem e da acessibilidade para atender aos alunos que dela necessitem, por meio de identificação, elaboração e organização dos recursos necessários. “Esse atendimento não pode ser substitutivo às classes comuns, bem como pode ocorrer na própria escola ou em outra escola de ensino regular, no contraturno do horário de aula da sala comum”, destaca o professor doutor João Henrique da Silva, especialista na área. Estas salas de recursos multifuncionais podem ser utilizadas pelos profissionais da educação para proporcionar aos alunos diferentes tempos e percursos de aprendizagem, que respondem às diversas formas de aprender do aluno com deficiência intelectual. Além disso, os espaços devem se integrar à proposta pedagógica da instituição, em articulação com os demais atores da comunidade escolar. “Dentre as atividades são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, atividades didático-pedagógicas e tecnologia assistiva para potencializar o processo de aprendizagem dos educandos. Cabe ao professor da sala comum buscar estratégias e metodologias, em



Lucy M. P. Domingos, que pesquisou as Salas de Recursos Multifuncionais

parceria com o professor do atendimento educacional especializado, para que o estudante adquira os conhecimentos curriculares”, completa Silva. No caso específico do atendimento aos alunos com deficiência intelectual, a dissertação aborda quatro aspectos que influenciam no trabalho na sala de recursos: a atuação dos professores, a escola, o aluno e a própria família do aluno. “Neste sentido, o papel da família é fator de grande relevância para a mudança da realidade atual, pois, a partir do olhar dos responsáveis e da cobrança por uma perspectiva inclusiva em prol da aprendizagem dos alunos, será possível potencializar cada responsável neste processo. É importante, porém, lembrar que todos estão fragilizados neste caminho, pois a família necessita de atenção e acompanhamento; afinal, em diversos momentos, não sabe como agir ou a quem recorrer”, finaliza Domingos.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-PEI) é um documento de abrangência nacional, publicado em 2008. Trata-se de um marco orientador para o público da educação especial e que garante o direito à educação escolar regular para eles. Isso é importante, porque, até pouco tempo atrás, a educação desse público era de responsabilidade de instituições privadas filantrópicas, com ênfase em uma vertente médico-pedagógica e psicopedagógica. “Hoje, a educação das pessoas com deficiência está baseada na concepção da inclusão escolar, na qual

defende-se o direito de que todos os alunos estejam juntos, aprendendo e participando, sem discriminação”, destaca Silva. Essa visão de inclusão escolar, então, rompe com a concepção anterior de educação especial baseada no atendimento educacional especializado enquanto substituto do ensino comum. Silva complementa que “essa concepção apregoa o acesso, a participação e a aprendizagem do público nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais específicas, por meio da disponibilização de recursos e serviços e da orientação quanto à sua utilização nas turmas comuns do ensino regular”. Dentre as garantias da PNEE-PEI estão as salas de recursos multifuncionais, um espaço com mobiliário, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos, que serão trabalhados pelo professor especializado em educação especial. “É fundamental que o professor especialista ou da sala de recursos considere as diferentes áreas do conhecimento, os aspectos relacionados ao estágio do desenvolvimento cognitivo dos alunos, o nível de escolaridade, os recursos específicos para sua aprendizagem e as atividades de complementação e suplementação curricular”, finaliza Silva.

Com base na dissertação “Salas de recursos no atendimento à deficiência intelectual: realidade ou utopia?”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Vilma Leni Nista-Piccolo e aprovada em 30 de junho de 2021.



# DE FONTE DE VIDA A CAUSADOR DE PROBLEMA: O RIO SOROCABA NARRADO PELA IMPRENSA

REPORTAGEM: Mara Rovida  
Fotos: Fernando Rezende



Os poucos, as pessoas vão se acostumando a uma ideia que sutilmente perpassa as frases acima, retiradas do *corpus* de análise da pesquisa de mestrado em Comunicação e Cultura de Vanessa Aparecida Ferranti. **O RIO SOROCABA** é tratado como agente de transtornos e, por isso, precisa ser contido, alterado e, talvez, até domado. “A grande questão [que emerge da pesquisa] é o entendimento de que o rio é um problema. É sutil. E, nessa sutileza, vamos nos afastando dele.” A presença dessa perspectiva de forma constante nas narrativas da imprensa que cobre a região de Sorocaba, no interior de São Paulo, sobre o rio, de acordo com Ferranti, resulta numa certa permissividade em relação às obras de intervenção e demais ações humanas que não respeitam o espaço e os ciclos de cheias e secas.

Recentemente, o debate público sobre o rio Sorocaba ganhou novo fôlego com um projeto que prevê a construção de uma segunda avenida marginal — já existe uma à margem esquerda — que ficará à direita do curso d’água. Atualmente, o espaço que sofrerá a intervenção, se as obras seguirem como planejadas, inclui uma área verde que já consta em outro projeto urbano da cidade, o parque linear “Dr. Armando Pannunzio”, que ainda não foi totalmente concluído e se tornaria inviável. Além disso, destaca-se como um dos principais resultados do projeto viário, conhecido como Marginal Direita, a ampliação da impermeabilização do solo nas proximidades do rio e, consequentemente, a necessidade de controle de drenagem da água. A ascensão do debate sobre o rio Sorocaba pelos moradores, ambientalistas e políticos da cidade fez com que a imprensa retomassem com

## PARA SABER MAIS: O RIO E A CIDADE

O rio Sorocaba é um afluente do rio Tietê — um dos mais importantes cursos de água doce do Brasil, localizado no Estado de São Paulo, cuja extensão é de pouco mais de mil quilômetros — e faz parte da bacia do Médio Tietê. Apesar de a cidade de Sorocaba ter sido criada em suas proximidades, justamente por conta da disponibilidade de água, as margens do rio foram ocupadas e seu percurso modificado em obras que interferiram nos ciclos de cheias e secas.



alguma centralidade essa pauta. Em meio a essa discussão, Ferranti deu início à sua pesquisa “O rio Sorocaba (re)construído pelo jornal Cruzeiro do Sul: uma análise da cobertura ambiental de 2021 a 2023”, sob orientação do professor doutor Guilherme Augusto Caruso Profeta e realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC) da Universidade de Sorocaba (Uniso). O trabalho, finalizado no início de 2026, faz parte de um projeto maior fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**) e realizado pelo Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba (**ODRMS**), formado por pesquisadores dos quatro Programas de Pós-Graduação da Uniso — a saber: PPG em Educação, PPG em Comunicação e Cultura, PPG em Ciências Farmacêuticas e PPG em Processos Tecnológicos e Ambientais.

## PARA SABER MAIS:



Leia sobre o investimento no projeto do ODRMS



Conheça o Observatório da RMS



O objetivo da pesquisa é “compreender como se dá a produção de significados sobre o rio Sorocaba na cobertura do jornal Cruzeiro do Sul”, como exposto na dissertação de Ferranti. Para isso, a pesquisadora fez um levantamento de publicações sobre o rio ao longo de três anos, de 2021 a 2023. Foram identificados 633 textos com menção ao rio no arquivo digital do jornal, no período selecionado. Após um refinamento, Ferranti manteve 457 textos para formar seu *corpus* de análise, conjunto de materiais analisados na pesquisa. “Ao longo do primeiro ano do mestrado [realizado em 24 meses], eu fiz a coleta de dados, a organização do material e a leitura dos textos.” Para organizar todos as informações geradas pela leitura inicial — leitura flutuante, na nomenclatura da Análise de Conteúdo, metodologia usada pela pesquisadora —, Ferranti usou uma planilha produzida por seu orientador em outra pesquisa. “Eu adaptei a planilha que ele [Profeta] tinha e fui preenchendo com os dados da minha primeira coleta.”

Após a seleção desse material dos anos 2020, Ferranti fez mais um levantamento para poder identificar possíveis mudanças nas narrativas sobre o rio publicadas pelo jornal. Ela escolheu trabalhar com um segundo recorte, de 30 anos atrás, então fez uma busca no arquivo do jornal entre os anos 1991 e 1993, o que resultou num segundo *corpus* formado por 230 textos. Nessa segunda etapa, a pesquisadora também leu, identificou padrões e planilhou os dados levantados para entender se havia diferença na produção de significados e, em caso afirmativo, qual seria essa diferença. “As publicações dos anos 90 eram mais engajadas. Na dissertação, eu digo que tinham uma conotação mais política.” Ela entende

O QUE É JORNALISMO AMBIENTAL?

Na dissertação de Ferranti, o jornalismo ambiental é conceituado a partir do pesquisador brasileiro Wilson da Costa Bueno: “como o processo de captação produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”, três funções essenciais devem ser cumpridas para que textos jornalísticos sobre o meio ambiente possam ser considerados, de fato, jornalismo ambiental: a informativa, a educacional e, especialmente, a política.

que isso tem relação com o contexto da época, afinal, em 1992, foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como ECO-92. Nesse período, o tema do meio ambiente estava em alta e havia uma preocupação geral da população sorocabana com a poluição do rio Sorocaba, por isso os projetos de despoluição e de ampliação da rede de esgoto da região estavam na pauta do jornal. “Além disso, as pessoas tinham uma relação de proximidade com o rio.” Entre cartas e comentários de leitores desse período, era possível identificar testemunhos de pessoas que pescavam, nadavam e usavam o rio como espaço de encontro. “Essa relação desapareceu do noticiário, mas parece ser, aos poucos, retomada na discussão sobre a Marginal Direita.”

RELAÇÃO DE PROXIMIDADE CONQUISTADA

Na introdução da dissertação, Ferranti apresenta uma pequena narrativa sobre si em que relata sua proximidade física e distanciamento afetivo do rio. “Desde que me conheço por gente, vi o rio Sorocaba, mas nunca me interessei por ele. O rio estava ali, era algo natural, mas não me lembro de ter parado para observá-lo.” Embora seja sorocabana e tenha vivido toda sua vida na cidade, ela não tem memórias afetivas, anteriores ao período da pesquisa, com o rio Sorocaba. “Eu tinha outro projeto de pesquisa, mas, quando conversei com o professor Guilherme sobre o mestrado pela primeira vez, ele me falou desse projeto do Observatório e eu aceitei participar. Então sabia, desde o começo, que a pesquisa seria essa, sobre o rio.”

Diferentemente de outras áreas do conhecimento, nas Ciências Sociais Aplicadas não é tão comum a realização de pesquisas associadas a projetos maiores, coordenadas pelos orientadores dos pós-graduandos. O mais usual é a realização de projetos individuais propostos pelos estudantes. “No começo, eu ouvi de alguns colegas que estava trabalhando numa pesquisa que não era minha e me senti um pouco em dúvida sobre isso. Mas depois eu entendi que, embora o projeto não tenha sido proposto por mim, a pesquisa foi realizada por mim, então é minha.” Essa certeza foi alcançada, num primeiro momento, durante um passeio de barco pelo rio Sorocaba — atividade realizada todo ano pela prefeitura, no dia 22 de março, quando se comemora o aniversário do rio e o Dia Mundial da Água. Nesse dia, as pessoas que têm barcos são convidadas a fazer um passeio, descendo o rio. Ferranti foi com dois colegas do PPGCC fazer o passeio, mesmo sem ter um barco. Ela conta, na dissertação, que conseguiram carona com outras pessoas que conheceram no evento. Os registros desse dia podem ser lidos e vistos, em fotos feitas ao longo da travessia pela autora, no texto da dissertação.

A decisão de fazer o passeio foi tomada por Ferranti e comunicada posteriormente para o orientador. “Isso me deu a sensação de que aquele era um momento meu.” Essa ação também permitiu uma aproximação com o rio, rompendo com a ideia de que ele apenas faz parte da paisagem. “Eu cheguei a cobrir enchente em Sorocaba e região, fiz matéria sobre o rio”, mas sem alcançar os padrões do **JORNALISMO AMBIENTAL.** Esse é outro elemento norteador da pesquisa realizada, isto é, a contribuição do jornalismo para a educação ambiental e, com este tema, Ferranti também não tinha qualquer proximidade.

A pesquisadora é repórter numa emissora de rádio da região de Sorocaba e atua como jornalista desde a graduação, iniciada em 2016, quando começou a fazer estágio na área. Ela passou por vários espaços de produção jornalística, incluindo o jornal Cruzeiro do Sul, onde ainda trabalhava quando começou o mestrado, em 2024; por isso, alguns textos selecionados para o *corpus* dos anos 2020 são assinados por ela. “Sabia que ia encontrar essas produções, mas também é uma forma de olhar para tudo isso como uma crítica que busca contribuir,

não apenas apontar erros [de outras pessoas].” Ela teve receio, inicialmente, de ser mal interpretada pelos colegas de redação, mas a reação foi positiva; houve interesse por parte da chefia para dialogar e para testar outras formas de atuação. Esse diálogo com a diretoria do veículo segue, mesmo após sua saída da empresa, em 2026.

ALGUNS RESULTADOS

Profeta, o orientador da pesquisa — que é também um dos jornalistas envolvidos neste projeto *Uniso Ciência* —, apresenta uma avaliação sobre o percurso desenvolvido por Ferranti, ao comparar o trabalho realizado a uma cartografia das representações narrativas sobre o rio. “Os rios, em sua materialidade física, existem independentemente da presença humana; eles não precisam de nós para existir. No âmbito da cultura, porém, eles se constituem por meio de diferentes formas de representação: no jornalismo, na publicidade, nas artes visuais, na música, na cultura *pop* em geral, nas práticas religiosas etc. Um mesmo rio pode ser representado — e, assim, existir culturalmente — de maneiras bastante distintas, por vezes até conflitantes. Da mesma forma que é possível cartografar o curso de um rio, também é possível mapear, por métodos próprios, essas representações. Foi esse o caminho adotado na pesquisa de Ferranti, a partir de um recorte jornalístico que, embora não esgote as múltiplas formas de representação dos rios, evidencia uma percepção de separação entre ser humano e natureza.”

Além de evidenciar esse distanciamento em relação ao rio, problematizado pelo orientador, a pesquisa de Ferranti aponta que a pauta sobre o rio Sorocaba tem sido tratada, sobremaneira, pela perspectiva institucional. Nos dois *corpora*, a pesquisadora notou uma incidência maior de fontes ligadas a instituições como Prefeitura Municipal e Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), por exemplo. Nas publicações dos anos 2020, até mesmo os especialistas têm pouca participação nos debates envolvendo o rio Sorocaba, evidenciando uma perspectiva pouco plural. Para Profeta, esse tipo de resultado pode revelar “uma característica, ou mesmo uma sequência, do Antropoceno e, nesse sentido, a pesquisa extrapola o campo do jornalismo, lançando luz sobre um fenômeno cultural muito mais amplo. Compreender os discursos que ainda hoje embasam essa percepção de separação é essencial para repensar nossas formas de relação com o mundo natural, antes que seja tarde demais.”





Foto: Pedro (Adobe Stock)

*Pesquisa evidencia como as representações do rio Sorocaba na imprensa também ajudam a moldar a percepção do público sobre as possibilidades de relação com a natureza*

Como exemplo dessa abordagem que não contribui tanto para o debate público sobre a intervenção proposta recentemente pela prefeitura municipal, Ferranti comenta um texto que faz parte do *corpus* de análise dos anos 2020. “Não era meu objetivo de pesquisa, porque fiz uma Análise de Conteúdo, mas teve uma publicação que me chamou a atenção pela forma como as falas das fontes estavam apresentadas.” A pesquisadora relembra que o texto trazia aspas de alguns especialistas, como um ambientalista que questionava o impacto da drenagem no entorno do rio e a perda de uma área verde importante para a cidade, mas, no final do material publicado pelo jornal, aparecia a fala de um advogado que defendia a obra viária, mas sem apresentar contribuição técnica para o debate. “Nesse caso, dava para perceber que aquela fonte não poderia ser considerada especialista para o debate proposto”, e esse tipo de conduta tem implicações para a formação da opinião pública sobre o tema. “Esse é o papel do jornalismo ambiental”, ajudar na fundamentação crítica da opinião pública e, portanto, das decisões coletivas.

Como estratégia para colocar em prática uma produção jornalística mais engajada com o propósito da educação ambiental, Ferranti produziu duas reportagens. “Eu cresci muito nesse processo, aprendi muita coisa”, e isso pode ser constatado na maneira como ela passou a entender seu papel como jornalista. “Uma das **REPORTAGENS**, eu propus para o jornal e consegui publicar. Fui a campo com um grupo de ambientalistas para conhecer de perto a área verde que deve sofrer intervenção para a construção da Marginal Direita.” Trazer para o leitor uma história elaborada a partir do território tem muito impacto e pode ser decisiva para que a população compreenda os sentidos reais de apoiar ou não uma obra desse tipo — um ótimo exemplo da dimensão política do jornalismo que se propõe ambiental.

*Texto baseado na dissertação “O rio Sorocaba (re)construído pelo jornal Cruzeiro do Sul: uma análise da cobertura ambiental de 2021 a 2023”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação do professor doutor Guilherme Augusto Caruso Profeta e aprovada em 24 de fevereiro de 2026.*



## MATA NA MARGINAL DIREITA DO RIO SOROCABA ABRIGA NASCENTE



Acesse o texto publicado por meio do **QR Code** (conteúdo publicado exclusivamente em português):



Se você tem perguntas que gostaria de fazer a um cientista, envie um e-mail para o Uniso Ciência: **ciencia@uniso.br**. Nossa equipe irá selecionar os pesquisadores mais adequados para esclarecer suas dúvidas, e as respostas poderão se tornar reportagens publicadas em nossas próximas edições.

